

ENTREVISTA / PADRE ANTONIO APARECIDO DA SILVA "TONINHO"

“Reconheçam os quilombos!”

O padre Antonio Aparecido da Silva, o “Toninho”, já passou por muitos constrangimentos por causa do racismo. Mas prefere falar da organização do povo negro a se derramar em lamentações. Ele observa que os agentes de pastoral negros estão realizando um trabalho que cresce a cada dia.

No dia 7, participando da abertura da 2ª Consulta Eumênica de Teologia e Cultura Afro-americana e Caribenha, padre Toninho destacou a aproximação entre a Igreja Católica e as religiões afro e lembrou que há um esforço para “superar antagonismos”. Ele chamou a atenção para a necessidade de reconhecimento, por parte do governo, das terras remanescentes de quilombos.

“Seria o primeiro passo para a reforma agrária”, frisou. Mesmo no clima de festa pelo encontro com dezenas de representantes das comunidades negras do Brasil e das Américas, padre Toninho recebeu o repórter Samarone Lima, de O SÃO PAULO, e deu esta entrevista:

Como o senhor está vendo esta aproximação da Igreja Católica com as religiões afro?

Na verdade, no Brasil, sempre houve uma predisposição, por parte do ambiente popular, de um respeito e uma ligação religiosa. Os negros nunca tiveram dificuldade em entender e respeitar outras posturas de fé.

Ainda há muito racismo nesta aproximação?

Hoje o esforço é no sentido de superar estes antagonismos que são mais manifestações de racismo do que qualquer outra razão.

Em 1995, haverá uma grande mobilização do povo negro pelos 300 anos do assassinato de Zumbi. Como está sendo a preparação?

Praticamente todas as comemorações deste 20 de novembro estão sendo no sentido da abertura do tricentenário do assassinato de Zumbi. A programação maior vai ser entre 18 e 24 de julho de 1995, em Maceió. Vão estar presentes mais de mil agentes de pastoral negros e de várias entidades negras, para um grande congresso, uma visita e uma celebração na Serra da Barriga. Haverá uma grande peregrinação.

O movimento de pastoral dos negros tem crescido?

Veio numa fase de crescimento nos últimos 10, 12 anos, e se encontra num momento de estabilidade. Num primeiro momento era recordar o sofrimento dos negros, ter consciência sobre isso. Hoje, os grupos passam às propostas.

Que propostas?

Hoje, os movimentos de base se



associam às entidades negras, no plano civil, para pleitearem, junto ao governo, o reconhecimento das terras remanescentes dos quilombos. É fundamental que esta luta não fique só no nível religioso, que é uma dimensão, mas que tenham uma penetração ao nível civil. É o primeiro

passo para a reforma agrária.

Há muitas terras remanescentes de quilombos? Onde estão?

Estão espalhadas por todo o País. Em Calunga, a 200 quilômetros de Brasília, no Pará, interior da Bahia, no sul do Brasil. Há também terras

remanescentes de quilombos no Vale do Ribeira. Neste local, está sendo projetada uma barragem para fazer uma hidrelétrica, mas a preocupação com a população ribeirinha -90% de negros - inexistente.

O número de padres negros na Igreja ainda é pequeno, não?

O número tem crescido. Há 10 anos, tínhamos 200 padres negros, hoje são 500. Em 10 anos, o número mais que dobrou, mas é preciso que cresça ainda mais.

Como o senhor viu uma pesquisa divulgada recentemente nos Estados Unidos, apontando que os negros teriam menos Q.I. que os brancos?

Essa pesquisa publicada faz parte de um racismo ainda do século passado, da visão de Gobineau, que entendia as pessoas a partir de raças, como se esse fosse o melhor caminho. É um conceito totalmente superado e evidentemente isso não terá nenhuma importância nas sociedades modernas. Todos sabem que brancos e negros pertencem à mesma raça, que é a raça humana, a raça do povo de Deus. A questão de desenvolver o outro dado a mais, é questão de possibilidade.

Acesso à educação?

No dia em que no Brasil for assegurada a universidade gratuita para os pobres, no dia em que tiver uma USP para os pobres, eles certamente vão contribuir tanto para a pesquisa tecnológica e na busca de alternativas, quanto os setores que são privilegiados. Não é um problema de Q.I. mais ou menos, mas de oportunidades, de democratização dos meios dentro da sociedade.